

Arinos vai para o novo partido; Cardoso sai do PMDB

Da Sucursal de Brasília

O senador Afonso Arinos (PFL-RJ) anunciou ontem que ingressará no partido a ser criado neste final de semana pelos dissidentes do PMDB. Considerado o patrono da proposta parlamentarista no Congresso constituinte, Arinos afirmou que optou pela nova sigla por ser a única que inclui em seu programa a defesa do parlamentarismo como sistema de governo. "Afinal, cerca de 80% do PFL votou pelo presidencialismo", disse o senador, lembrando que não poderia deixar de se filiar a um partido parlamentarista. Ontem, o senador Fernando Henrique Cardoso (SP) também se desligou do PMDB para ir para a nova legenda.

Arinos comunicou sua decisão ao presidente do PFL, senador Marco Maciel (PE), na noite de segunda-feira, depois de reunir-se com o senador Fernando Henrique Cardoso, um dos fundadores do novo partido. Foi o próprio Cardoso quem confirmou a adesão de Arinos durante o discurso que fez ao deixar o PMDB ontem. O senador deixará o PFL ainda esta semana para assinar o documento de fundação do novo partido. Na mesma sessão em que Cardoso deixou o PMDB, o senador Pompeu de Souza (sem partido-DF) anunciou seu ingresso na sigla dos dissidentes.

O nome do novo partido foi alvo do senador Arinos. Ele argumentou que a proposta mais divulgada nos últimos dias — PDP ou Partido Democrático Popular — representa uma "redundância filológica": tanto a palavra democrático quanto a palavra popular, em suas raízes gregas e latinas, significam igualmente povo. "Seria o partido do povo", sorriu Arinos.

Cardoso

Cardoso desligou-se oficialmente do PMDB, onze anos depois de filiar-se ao então MDB. "O partido, infelizmente, foi tragado pela cultura política tradicional que fora reforçada pelos regimes autoritários", afirmou o senador no discurso

Senador foi defensor do Movimento de 64

Da Redação

O mineiro Afonso Arinos de Melo Franco nasceu em 1905. Participou da fundação da União Democrática Nacional (UDN) em 1945. Pela UDN cumpriu três mandatos de deputado federal e um de senador.

Afonso Arinos ocupou o cargo de ministro das Relações Exteriores na Presidência de Jânio Quadros (1961) e no gabinete parlamentarista de Brochado da Rocha (1962).

Arinos conspirou contra Goulart. Em 1964, foi secretário de Estado em Minas Gerais, no governo de Magalhães Pinto. A constituição do "gabinete" de Magalhães na ocasião visava especificamente a derrubada de Goulart. Afonso Arinos estava encarregado de negociar o reconhecimento externo ao movimento, no caso de uma guerra civil.

O movimento foi vitorioso e, em 1966, Afonso Arinos se mostrava descontente com seus rumos, mas isso não o impediu de ser um dos fundadores da Arena, no mesmo ano. Nos governos militares, conciliou as posturas de crítico moderado e colaborador ocasional. Na eleição para o governo do Rio, em 1982, Arinos foi sondado para ser o vice do candidato Moreira Franco, então no PDS. Recusou, mas o posto foi preenchido por seu filho, Francisco.

Arinos voltou ao Congresso, em 86, depois de estar afastado desde 1967.



O senador Afonso Arinos que deixará o PFL



Fernando Henrique Cardoso discursando no Senado

que fez da tribuna do Senado. A sessão, iniciada às 11h, prolongou-se até as 14h devido ao grande número de manifestações.

Na Câmara, ontem também foi um dia de saídas do PMDB. Os deputados paulistas Robson Marinho, Geraldo Alckmin e Antônio Perosa, anunciaram que deixam a

sigla para ingressarem no novo partido a ser criado neste final de semana. "O PMDB se perdeu", disse Perosa. Para Marinho, a maioria dos constituintes do partido "resolveu afrontar a consciência popular". O PTB perdeu, por sua vez, a deputada Dirce Tutu Quadros, que acompanhará a formação do

novo partido. Hoje, deixarão o PMDB os deputados paulistas José Serra, Caio Pompeu de Toledo e Fábio Feldmann. Amanhã, o deputado José Carlos Grecco.

No Senado, Fernando Henrique Cardoso ressaltou que torce pela vitória dos progressistas que ficam no PMDB em sua disputa com a ala

conservadora, principalmente na Convenção Nacional do dia 21 de agosto. "Torço, mas não acredito no êxito", disse o senador. "O PMDB perdeu a sintonia com o povo", comentou.

Representantes de todas as correntes políticas na Casa fizeram apartes ao pronunciamento de Car-

doso. O senador Jarbas Passarinho, presidente do PDS, afirmou, por exemplo, que os partidos não traduzem atualmente os ideais de seus militantes. Ao senador José Fogaça (RS), que ficará no PMDB, Fernando Henrique desejou, numa espécie de convite ao novo partido: "Espero que estejamos juntos em breve".

Seminário pode ser aberto sob protesto

Da Reportagem Local

Se até o próximo sábado o governo federal não suspender o bloqueio das contas bancárias do governo paulista, a abertura do seminário "PMDB, a Nação e o Futuro", marcada para aquele dia, tende a se transformar numa imensa manifestação contra o presidente José Sarney. A previsão é do deputado estadual Mauro Bragato, membro da Executiva Estadual do partido, organizadora do evento. "Os militantes vão levar faixas protestando contra o bloqueio e é inegável que existe um clima de revolta contra Sarney nas nossas bases", disse Bragato, responsável pela mobilização de peemedebistas para a concentração no Parque Anhembi (zona sul paulistana).

Bragato espelhava ontem na Assembleia Legislativa o clima de quase rompimento do PMDB com o governo federal. "O Mailson da Nóbrega (ministro da Fazenda) tem tratado muito mal o Campos Machado (secretário da Fazenda de São

Paulo)". A Folha apurou que, em conversas com seus auxiliares mais próximos, Quercia tem se queixado do comportamento de Sarney no episódio. O governador revelou que, durante sua passagem por São Paulo no último fim-de-semana, o presidente quase que garantiu o final do bloqueio, o que não tinha acontecido até ontem à noite.

Entre os deputados quercistas é unânime a revolta contra Mailson e, por extensão, Sarney. "Com mais esse problema criado pelo governo federal, sábado vai ser o dia da afirmação peemedebista", declarou Bragato. Ele acredita que cerca de 100 ônibus levarão os militantes do interior para a abertura do seminário e que existe clima para "a base exigir o rompimento com Sarney. Todas as obras sociais do governo estão ameaçadas".

No final do seminário, dia 6 de agosto, será elaborado um documento com as conclusões dos temas debatidos. O texto será enviado à

Convenção Nacional do PMDB, marcada para o dia 21 do mesmo mês. O primeiro painel — "A Institucionalização do Estado Democrático na Nova Constituição" — ocorrerá no dia 2 de julho, na sede do PMDB paulista, no bairro do Paraíso. Até ontem, os governadores Newton Cardoso (MG), Pedro Simon (RS), Waldir Pires (BA), Moreira Franco (RJ) já tinham atendido ao convite de Quercia para comparecer à abertura no Parque do Anhembi.

Bragato admite que a coincidência de o seminário ser aberto no mesmo fim-de-semana em que os dissidentes que estão criando o novo partido realizam seu congresso em Brasília acabou resultando numa disputa particular. "O pessoal pegou o pique e vai querer lotar o Anhembi", disse Bragato. O deputado lutará para que, na discussão dos temas, fique estabelecido que a secção paulista do PMDB não aceitará a hegemonia do Centrão na convenção do dia 21 de agosto. (Carlos Eduardo Alves)

"Históricos" concluem documento

NERI VITOR EICH

Da Sucursal do Rio

Um documento reservado, com texto final do governador do Rio, Wellington Moreira Franco, propondo a modificação do programa do PMDB, acaba de chegar às mãos dos governadores Miguel Arraes (PE), Waldir Pires (BA) e Pedro Simon (RS), que lideram a articulação de uma chapa destinada a disputar a hegemonia do partido na Convenção Nacional, em agosto. Intitulado "Política de mudança democrática para o Brasil", o documento é resultado de um intercâmbio de textos entre os quatro governadores nos últimos seis meses, define o "novo PMDB" como social-democrata e de centro-esquerda e dá prioridade à questão social.

O documento, de 80 páginas, é dividido em dois capítulos — "Por que mudar?" e "Princípios fundamentais da nova política" — e tem como subtítulo "Política de mudan-

ça democrática para o Brasil". As argumentações dos governadores desenvolvem-se em torno de cinco princípios básicos: 1) "Consolidação e extensão dos direitos democráticos"; 2) "Desenvolvimento socialmente orientado"; 3) "Economia de mercado socialmente regulada"; 4) "A revitalização do federalismo"; e 5) "A integração independente".

Esses princípios serão um dos temas do encontro em que governadores e parlamentares do "novo PMDB" formalizarão a chapa, que não excluirá, necessariamente, integrantes do grupo suprapartidário Centrão e sim as suas lideranças e os constituintes que têm votado contra o programa do partido. O encontro, previsto para esta semana, no Rio, deverá ser adiado por três motivos: 1) hoje à noite Waldir Pires embarca para a Europa; 2) sexta e sábado o PMDB se reúne em São Paulo com o governador Orestes Quercia, cujo apoio o "novo PMDB" pretende conseguir; e 3) Miguel

Arraes não poderá deslocar-se de Recife esta semana.

Ao abordar o princípio "Consolidação e extensão dos direitos democráticos", diz o documento: "O novo ciclo de crescimento será a base para a mudança real do nosso padrão de desenvolvimento, que deverá: ter orientação social de modo a tornar-se instrumento para a solução dos profundos problemas distributivos da sociedade brasileira tanto no plano pessoal e grupal como no plano regional; e criar condições efetivas para erradicação da miséria de milhões de brasileiros".

A articulação da chapa dos governadores deverá ser um dos assuntos do encontro que Waldir Pires terá hoje, no Rio, com Moreira Franco, antes de embarcar para a Europa. Waldir e Arraes são os únicos que já admitem a possibilidade de deixar o PMDB se a chapa não conquistar, na Convenção, a hegemonia do partido. Moreira ainda não definiu uma posição sobre o assunto.

Começa sábado 'guerra civil' no PMDB

CLÓVIS ROSSI

Da Reportagem Local

O PMDB começa neste sábado a travar o que o deputado federal Hélio Duque (PMDB-PR) definiu, no início do mês, como a "guerra civil" pelo controle do partido. Nesse dia, no ambicioso cenário do Centro de Convenções do parque Anhembi, em São Paulo, realiza-se a abertura do seminário que o PMDB paulista fará ao longo dos próximos 60 dias, como preparação para a Convenção Nacional de 21 de agosto.

Mais do que um ato formal, a abertura do seminário permitirá que desfile pelo Anhembi os grandes temas e as grandes figuras que comporão o cenário para a "guerra civil". Convidados pessoalmente pelo governador de São Paulo, Orestes Quercia, deverão comparecer governadores (como Waldir Pires, da Bahia), empenhados em dar ao PMDB uma feição centro-esquerdista. Mas estão também convidados todos os constituintes que ainda permanecem no partido, entre eles os de centro-esquerda, os "conservadores" ligados ao chamado "Centro Democrático" e os indefinidos.

O temário não deixa muita margem para a indefinição: o seminário pretende discutir um projeto de

desenvolvimento econômico e social para o Brasil, a reforma do Estado brasileiro, dado como falido até pelo seu atual titular, a política externa brasileira (o que passa pela negociação da dívida externa e pelo tratamento ao capital estrangeiro) e também itens que dizem respeito à vida interna do PMDB, como o novo estatuto, agora que o Congresso constituinte aprovou, em primeiro turno, ampla liberdade de organização para os partidos.

Primeiro embate

O ministro da Ciência e Tecnologia, Luiz Henrique da Silveira, um dos que já confirmou presença no sábado, antecipa: "O seminário será o primeiro embate dessas idéias", referindo-se à discussão interna no partido com vistas à Convenção Nacional de agosto.

Quais são as idéias em combate? Em primeiro lugar, há a disposição do grupo centro-esquerdista, comandado na Constituinte pelos deputados Hélio Duque e Francisco Pinto (BA), de alijar os "conservadores" do comando peemedebista. Ligada à esta questão, entra a relação entre o PMDB e o governo José Sarney, que os centro-esquerdistas querem ver rompida.

Se depender do atual comando partidário, centralizado pelo deputado Ulysses Guimarães, há 18 anos na presidência do PMDB, não haverá rompimento, mas haverá "um extrato progressista" na direção do partido, como diz o ministro Luiz Henrique, um dos três ministros "ulyssistas" (os outros dois são Renato Archer, da Previdência Social, e Celso Furtado, da Cultura).

Luiz Henrique justifica o não-rompimento, tido por ele como questão puramente conjuntural: "O problema do PMDB é olhar para a frente e não para trás. O partido deve se preocupar com a sucessão presidencial e com as eleições municipais".

Os ministros do PMDB (12 dos 21 ministros civis do governo Sarney) não estão tratando da questão apenas retoricamente. Eles já começaram a se mexer para a "guerra civil", com a descrição indispensável em função das posições que ocupam. Na semana passada, na casa de Ulysses, reuniram-se em almoço dois "ulyssistas" (Archer e Luiz Henrique) e dois franco-atiradores (Jáder Barbalho, da Reforma e Desenvolvimento Agrário, e Iris Rezende, da Agricultura), para discutir como evitar que a sangria de quadros no partido seja ainda mais forte.